

Actas do XIV Colóquio Internacional de Psicologia e Educação

Organizado por Vera Monteiro, Lourdes Mata, Margarida Alves Martins, José Morgado, José Castro Silva, Ana Cristina Silva, & Marta Gomes
9 e 10 Julho de 2018, Lisboa: ISPA – Instituto Universitário

Dificuldades de aprendizagem na visão de professores do 4º ano do ensino fundamental da secretaria de educação do distrito federal

Érika Rodrigues de Freitas

Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

Resumo: Na condição de Pedagoga, tenho me deparado com inúmeros problemas referentes a aprendizagem dos estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como os professores lidam didaticamente com as dificuldades de aprendizagem de seus alunos? Este trabalho tem como objetivo analisar as concepções dos professores acerca das Dificuldades de Aprendizagem dos estudantes bem como a forma de lidar com tais situações no ambiente de aprendizagem de uma escola pública do Distrito Federal – DF/Brasil. A fundamentação teórica encontra-se pautada em Piaget (1971), Pulaski (1983), Vygotsky (1994), Mello (2004) e outros quanto as categorias Aprendizagem, Ensino e Didática. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa em que foi aplicado questionários (GIL, 1984) à dez professores do 4º ano do Ensino Fundamental. Os resultados mostraram que os professores compreendem três concepções distintas de Dificuldades de Aprendizagem quais sejam: assimilar conteúdos, incapacidade em assuntos específicos e obstáculos durante o processo de aprendizagem como: dificuldade na escrita, na leitura, na fala, na concentração e em cálculos matemáticos. Verificou-se que a atuação desses profissionais frente a esse fenômeno está centrada na superação das dificuldades, realizando intervenções, buscando apoio em instituições sociais como a família e a escola. O interesse em discutir este tema decorre da necessidade de encontrar iniciativas visando à construção de novas metodologias que evitem ou superem as Dificuldades de Aprendizagem e ressaltem o papel do Pedagogo neste contexto. Neste sentido, conclui-se que o conhecimento didático é pouco empregado pelos professores, seja por comodismo ou pelo limitado conhecimento sobre a Didática.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, Ensino, Didática.

INTRODUÇÃO

O artigo versa sobre a atuação do Pedagogo da Equipe de Apoio a Aprendizagem de uma escola pública de Ensino Fundamental (séries iniciais) do Distrito Federal. Ante o convívio com alunos e professores do 4º ano do Ensino Fundamental, observou-se queixas de alunos e

professores em relação às situações de aprendizagem. Alguns alunos testemunhavam a dificuldade que possuíam em aprender determinados conteúdos escolares enquanto os professores queixavam-se do alto índice de reprovação no estabelecimento de ensino e sobre possíveis dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Compreender os motivadores das dificuldades de aprendizagem dos alunos é de grande valia para os educadores, as famílias e o próprio aluno.

Em meio a esse contexto, ressaltamos o papel dos professores e demais atores sociais envolvidos como: psicólogos, pedagogos, família do aluno, etc. Estes atores tendem a orientar e propor estratégias para acompanhamento do cotidiano das aprendizagens dos estudantes, seja na escola ou nos diferentes espaços educativos não-formais. Para tanto, pretende-se desvelar as dificuldades de aprendizagem com vistas a superar tais dificuldades. Esses indivíduos podem propor estratégias visando possibilitar o sucesso dos alunos em seus processos de aprendizagem.

O estudo tem como *objetivo* analisar as concepções dos professores acerca das dificuldades de aprendizagem de estudantes bem como a forma de lidar pedagogicamente com tais situações no ambiente de aprendizagem de uma escola pública do Distrito Federal – DF/Brasil. Para tanto o trabalho aborda sobre a: as Dificuldades de Aprendizagem; os tipos de dificuldades mais frequentes em sala de aula; os sistemas ou serviços de apoio nas escolas ou instituições que auxiliam o professor no trabalho com as Dificuldades de Aprendizagem e o papel do pedagogo da Equipe de Apoio frente a tais dificuldades.

Considerando que os professores, geralmente, são aqueles que mais acompanham de perto o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, necessário se faz que conheçam o tema para que através de um trabalho em conjunto com o Pedagogo e os demais profissionais anteriormente citados, possam auxiliar os alunos em seus momentos de aprendizagem.

Aprendizagem e seus aspectos gerais

Em nosso cotidiano, deparamo-nos constantemente com a diáde ensinar-aprender. O dia-a-dia está repleto de atividades onde sempre constatamos o aprendizado ou o ensinamento: seja assistindo TV, lendo jornais e revistas, ou manipulando algum objeto. Em casa, no trabalho ou no lazer a aprendizagem continua e faz parte da vida do ser humano.

Mesmo se constituindo como situações singulares para os sujeitos, a aprendizagem não é uma atividade homogênea, pois não acontece de forma similar a todos. Notadamente, cada indivíduo encontra-se inserido em um ambiente inicial diferenciado e exclusivo, pois desde o nascimento adquire-se informações culturais e cognitivas que mudarão com o passar do tempo, com o ambiente familiar e com a cultura que lhe é peculiar. Em sala de aula, por exemplo, quando o professor solicita que seus alunos façam um desenho sobre determinado tema, ele irá observar que cada aluno expressou sua criatividade de forma diferente, pois é uma característica individual de cada sujeito.

Partindo da perspectiva de que aprender envolve diversos ambientes em seus vários aspectos, torna-se imprescindível entender a categoria aprendizagem. De acordo com Silva (1997, p. 25), “podemos definir aprendizagem como uma gama de conhecimentos e/ou experiências adquiridas pelo indivíduo, que podem ou não ser comportamentalizadas pelo mesmo”. Em relação aos comportamentos percebemos que nem todos são aprendidos como alguns reflexos inerentes ao indivíduo. Um exemplo é a sucção do bebê recém-nascido. Apesar de alguns fatores serem inerentes ao indivíduo, nem todas as aprendizagens se dão naturalmente. Muitas são resultados de processos que ocorrem sob determinadas condições e que podem ser observadas, alteradas e controladas.

Outro conceito de aprendizagem é discutido por Jardim (2001) que a define como uma modificação na disposição ou na capacidade do homem. Ela que proporciona as habilidades e raciocínios, bem como atitudes e valores do ser humano. Portanto, a aprendizagem revela-se como uma ferramenta para adquirir novos conhecimentos.

Jardim (2001) também apresenta os principais elementos relacionados à aprendizagem: a pessoa que aprende (relaciona-se com a parte biológica do indivíduo onde se manifesta a aprendizagem e suas estruturas cognitivas como: percepção, memória e pensamento), situação estimuladora (soma de fatores que estimulam a pessoa a aprender) e a resposta (ação que resulta da estimulação). Quando um professor pede aos seus alunos que resolvam exercícios em sala de aula, tentando colocar em prática o que viram na teoria, está propondo uma situação estimuladora de aprendizagem, sendo que a resposta desta ação seria a resolução (ou não) dos exercícios pelos alunos. São essas respostas (modificadas) que indicam se a aprendizagem realizou-se.

Atentemos ao caso a seguir em sala de aula: o educador propõe aos seus alunos uma questão envolvendo cálculo matemático em que, ao final da tarefa, percebe que todos conseguiram êxito na resposta. Porém, ao avaliar calmamente as provas, percebe que o método para se chegar a resposta foi diverso em grande parte dos que a fizeram, mostrando que a aprendizagem ocorreu de forma diferenciada.

Como esse processo decorre de uma situação programada torna-se importante que no campo educacional apresentem-se situações que tornem facilitador o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o programa deve ser planejado considerando o nível dos alunos, de acordo com suas limitações e potencialidades. Segundo Jardim (2001, p.76), as condições necessárias à realização da aprendizagem devem ser “direcionadas, quer quanto ao conteúdo a ser aprendido, quer quanto às condições particulares exigidas por esse conteúdo”. No entanto, consideramos que a idade é o critério de menor valor tendo em vista que não importa a idade do aprendiz, mas como ele foi desafiado a resolver o problema. Destarte, a motivação, a influência social contribui significativamente para o processo de aprendizagem do sujeito. Para nós, limitar a aprendizagem do sujeito a idade, a cultura, as habilidades, a sua estrutura biopsicológica é acreditar na incapacidade do sujeito de se transformar, de buscar a autonomia e a emancipação pela aprendizagem.

A aprendizagem sob a ótica de Piaget e Vygotsky

Existem várias teorias que procuram explicar o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem. Partindo de uma explicação interacionista, consideramos que as teorias do Desenvolvimento Cognitivo de Piaget e a Perspectiva Sócio-Histórica de Vygotsky são referência no estudo sobre a aprendizagem por considerarem-na uma ação do sujeito sobre o meio.

O ser humano constrói sua natureza e precisa aprender as habilidades que poderá desenvolver. Segundo Mello (2004), os sujeitos (diferentemente dos animais) acumulam conhecimentos de uma geração para outra, reelaboram e o ressignificam conforme sua realidade. Estes sujeitos aprendem com a convivência e com suas condições de vida. Essa transmissão de conhecimentos ocorre durante seu percurso histórico, pois “Cada nova criança que nasce, nasce num mundo pleno de objetos que escondem aptidões, habilidades e capacidades criadas ao longo da história e que são

modificadas a cada geração” (Mello, 2004, p. 138). Logo, os seres humanos não nascem para reproduzir ações, mas para aprender com a convivência e em relação ao período histórico que vivem para ressignificar o conhecimento.

A partir desse fato, podemos relacionar a cultura com a questão da aprendizagem, que é um dos fatores predominantes na perspectiva sócio-histórica de Vygotsky (1994). Para ele, o processo de desenvolvimento se inter-relaciona ao processo de aprendizagem, a partir da cultura e da interação social, que é definida por este pesquisador como a relação do ser humano com os outros, por intermédio da linguagem. Para Vygotsky, o sujeito aprende para desenvolver. Portanto, não há necessidade de seu organismo apresentar maturidade para aprender. As informações adquiridas por meio da interação social são internalizadas e adquirem significados.

Internalizar é reconstruir em si uma operação externa, como o gesto de apontar. A criança quando tenta pegar um objeto e faz menção de apontar não associa o seu movimento com a situação no geral (movimento de pegar). Somente após descobrir que ao apontar um objeto um adulto pode ajudá-la, a criança entende que seu gesto compreende um ato que pode ser direcionado a outra pessoa como um meio de estabelecer alguma relação. E assim, o movimento de pegar transforma-se no ato de apontar (Vygotsky, 1994).

Para nos apropriarmos de conceitos, temos que entendê-los de acordo com sua finalidade social. Por exemplo, só aprendemos o que é um copo ou uma colher quando associamos com sua finalidade, com o uso para o qual foi inventado. No entanto, a criança não aprende este conceito sozinha, ela necessita de um mediador experiente que a conduza no seu processo de aprendizagem, como os professores, pais e as gerações adultas. “Nesse sentido é que o educador pode ser o mediador da relação da criança com o mundo o qual irá conhecer, pois os objetos da cultura só fazem sentido quando aprendemos seu uso social – e só se pode ensinar o uso social das coisas quem já sabe usá-las” (Mello, 2004, p. 140). Assim sendo, o papel do professor é importante para a criança se desenvolver pois ele irá agir como um mediador, uma pessoa que possui maior conhecimento e experiência, estimulando seus alunos a enxergarem seus caminhos.

Na teoria de Vygotsky encontramos alguns conceitos importantes. O primeiro que citamos neste estudo é a *Zona de Desenvolvimento Proximal*. Para ele (Vygotsky apud Fino, 2001), existe uma área de desenvolvimento cognitivo que age como uma distância entre aquilo que a criança ainda não

é capaz de fazer sozinha, mas é capaz de fazer com o auxílio de um mediador mais experiente. Um exemplo disso é a aplicação de estratégias para o desenvolvimento cognitivo e social, através de jogos e brincadeiras com interação entre crianças. Estas, ao agirem dessa forma, funcionam como ‘mediadoras’ do próprio processo do desenvolvimento cognitivo. O segundo é a *Zona de Desenvolvimento Real* “[...] o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de ciclos de desenvolvimentos já completados” (Vygotsky, 1994, p. 95). Seria tudo o que a criança sabe, isto é, tudo que consegue realizar por si mesma, como, por exemplo, cálculo matemático sem solicitar ajuda dos demais. Na perspectiva sócio-histórica, torna-se importante uma aprendizagem colaborativa que impulse a experimentação da criança para novos conhecimentos, pois este é construído por meio da interação social.

Na abordagem piagetiana encontramos que o conhecimento não vem só da experiência e nem está pré-formado na mente dos indivíduos pois ele acontece a partir da relação entre sujeito e objeto. Nesta perspectiva os atos biológicos acontecem conforme a adaptação do indivíduo ao meio. Para Piaget, se observa o desenvolvimento cognitivo como resultado da adaptação ativa do organismo ao meio, através da acomodação e da assimilação, isto é, pela visão biológica. Disso resulta o desenvolvimento de estruturas cognitivas variantes, que são esquemas coordenados e que, por sua vez, combinam-se para formar a inteligência (Turner, 1976).

A *assimilação* para Piaget (1971) é o processo de internalização de informações que o indivíduo realiza a partir do conhecimento que possui. A *acomodação* acontece quando o indivíduo se depara com novas situações o qual terá que propor meios para resolvê-la, modificando assim seu conhecimento anterior e adaptando novas informações. Essa adaptação, para Pulaski (1983, p. 22), “[...] é um processo dinâmico e contínuo, no qual a estrutura hereditária do organismo interage com o meio externo de modo a reconstituir-se, com vistas a uma melhor sobrevivência”. Um exemplo é quando uma criança interage com outra por meio de brincadeiras. O conceito de *adaptação* também é abordado por Stefanini e Cruz (2006) ao afirmar que se trata de um mecanismo de incorporação das particularidades, qualidades dos objetos aos esquemas ou estruturas intelectuais que o sujeito dispõe em certo momento.

Outro conceito importante relacionado a esta teoria é o de *maturação*, que é o crescimento fisiológico das estruturas orgânicas hereditárias

(crescimento biológico dos órgãos). A maturação participa influenciando o nível de desenvolvimento e a estruturação das experiências de aprendizagem e determina o alcance de possibilidades em um estágio específico. Isso fica evidente nas fases de desenvolvimento propostas por Piaget. A *experiência* é também fator primordial para Piaget (apud Pulaski, 1983) que explica que o sujeito adquire experiências interagindo com o meio, pela transmissão social. Exemplos deste fato acontecem no momento lúdico da criança com os seus brinquedos e no uso de objetos do dia-a-dia. Com essas experiências, ocorre a construção do conhecimento físico e lógico-matemático. O primeiro está relacionado ao fato de agir sobre os objetos observando como eles reagem, como, por exemplo, a criança observando uma bola rolar. O *conhecimento lógico-matemático* acontece na medida em que a criança age sobre os objetos, construindo relações lógicas, como a identificação do ‘alto e baixo’, do ‘maior e menor’, etc.

Na concepção piagetiana, entende-se que o sujeito acumula experiências, mas, além disso, relaciona-se com sua estrutura biológica, reorganizando a sua cognição, adaptando-se a novas situações, conhecendo os objetos, assimilando-os e incorporando-os. O que diferencia a abordagem de Piaget para a de Vygotsky é que esta parte do pressuposto da interação social como forma de construção de conhecimento, auxiliada pela mediação pedagógica.

Ambas as teorias valorizam a interação sujeito e objeto, além de entenderem que a criança é um ser ativo e que cria hipóteses sobre o ambiente em que vive. No entanto, são teorias que possuem algumas divergências, como a questão da maturação biológica, bem ressaltada na concepção de Piaget, entendendo que os atos biológicos são de adaptação ao meio enquanto na de Vygotsky o ambiente social é fundamental para o desenvolvimento, na medida em que o ser humano adquire conhecimento por meio do contato com a cultura (pessoas, objetos que fazem parte da sua vivência), para em seguida, se desenvolver, conforme anunciando anteriormente.

Concepções de Dificuldades de Aprendizagem

Existem muitas controvérsias em relação ao conceito de *Dificuldades de Aprendizagem*, considerando os múltiplos fatores que a envolvem: social, familiar, escolar e individual. Geralmente são percebidos em

relação aos indivíduos que demonstram Dificuldades de Aprendizagem ocasionadas por fatores como relações interpessoais, desânimo em sala de aula, insegurança, medo etc., bem como fatores físicos como: gagueira, dores de cabeça e outros.

Segundo Silva (1997), as Dificuldades de Aprendizagem são variáveis que bloqueiam ou dificultam o processo natural da aprendizagem. Historicamente a atenção neste campo destinava-se as crianças com defasagem em alguma ou todas as matérias demonstrando uma infinidade de sintomas como: repetição ou troca de letras e dificuldade para ler ou realizar cálculos matemáticos. De acordo com Bartholomeu, Sisto e Rueda (2006, p. 139) “o termo Dificuldades de Aprendizagem engloba um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestariam em tarefas cognitivas, podendo ocorrer simultaneamente a problemas visuais, motores, no entanto, não são consequências destes problemas biológicos”. Outra definição do tema é proposta por Grigorenko e Sternberg (2003, p. 31), em que “[...] as Dificuldades de Aprendizagem são características definidas por uma discrepância de certa magnitude entre a inteligência geral e o desempenho em uma área específica de esforço, como leitura ou matemática”. Logo, as dificuldades de aprendizagem caracterizam-se como a diferença entre desempenho na aprendizagem de conteúdos. Tal discrepância citada por Grigorenko e Sternberg (2003) relaciona-se à realização de tarefas e a capacidade intelectual do indivíduo. Alguns alunos demonstram ter capacidade específicas como a leitura e a escrita. No entanto, quando submetidos a algum tipo de avaliação não conseguem lograr êxito.

As dificuldades de aprendizagem referem-se a uma repercussão da falta ou carência de oportunidades, onde não surgem sinais disfuncionais graves, sendo apenas passageiros e que podem ser modificados com intervenções pedagógicas adequadas no processo ensino-aprendizagem (Jardim, 2001). Tal colocação confirma o conceito proposto anteriormente por Bartholomeu, Sisto e Rueda (2006), em que as dificuldades podem ocorrer simultâneas aos problemas visuais e motores, que seria um exemplo de ‘sinais disfuncionais’ citado por Jardim (2001). Entretanto, as Dificuldades de Aprendizagem diferem-se das *incapacidades de aprendizagem* que se relacionam a lesões biológicas identificadas e constatadas clinicamente.

METODOLOGIA

A abordagem qualitativa foi utilizada na metodologia da pesquisa que gerou este texto, considerando o ambiente natural como fonte de dados, o pesquisador e o seu caráter descritivo elementos metodológicos importantes por focarem no processo e não se restringirem aos resultados. Por estas características, o significado assume papel central nas análises e discussões empregando elementos indutivos para constituí-lo (Triviños, 1987).

O lócus da pesquisa foi uma escola pública situada no Distrito Federal (Brasil). Os pesquisados foram 10 onde foram professores do 4º ano do Ensino Fundamental e o instrumento aplicado foi questionário com questões abertas referentes ao tema “Dificuldades de Aprendizagem”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas dos questionários verificamos que os professores possuem diferentes concepções de dificuldades de aprendizagem tais como: assimilação de conteúdos, incapacidade em assuntos específicos e obstáculos durante o processo de aprendizagem.

No item *obstáculos durante o processo de aprendizagem* constatamos que são mais aceitos, visto se constituírem os principais fatores no desenvolvimento das dificuldades. Um exemplo destes obstáculos é a falta de estrutura no ambiente familiar do aluno que o leva a apresentar dificuldades de aprendizagem na escola.

Quando questionados sobre as *dificuldades de aprendizagem* mais frequentes em sala de aula os professores destacaram aquelas relacionadas à matemática, escrita, leitura, fala e concentração. Isto se justifica, no olhar de Jardim (2001), visto que as dificuldades de aprendizagem são classificadas sob três focos: (a) dificuldades da língua falada pelo indivíduo apresentar obstáculos relacionados ao atraso para aprender a falar; (b) problemas em citar nomes de pessoas e objetos, pequeno vocabulário e; (c) outras características (Trissoto, 2002).

A Dificuldade de Leitura e Escrita abrange todas as dificuldades de ler e escrever, além da Dislexia, que é considerada também uma dificuldade de compreender palavras. Por fim, existem as dificuldades na área de matemática, que se relacionam a fatores como memorização, interpretação de gráficos, tabelas, confusão na identificação de direção (direita e esquerda), dificuldade de compreender questões de velocidade e distância, sendo a Discalculia a dificuldade matemática mais frequente (Trissoto, 2002).

Observou-se que, em grande parte dos questionários, os participantes da pesquisa mencionaram outras condições que não se enquadram na definição de Dificuldades de Aprendizagem tais como: deficiência mental, ausência da família, alimentação inadequada, imaturidade, falta de pré-requisitos, falta de motivação dos alunos e falta de material didático da escola.

Sobre a deficiência mental, citada pelos entrevistados, cabe ressaltar que, de acordo com o National Joint Committee on Learning Disabilities (apud Grigorenko & Sternberg, 2003), estas, sendo consideradas condições de desvantagem na aprendizagem, não se inserem no grupo das Dificuldades. Além disso, os outros fatores citados como a indisciplina, refere-se aos problemas de comportamento e não a uma dificuldade de aprendizagem em si. Logo, quando os professores se referem às deficiências depreende-se que estão relacionando as dificuldades a algo intrínseco ao aluno, como se este fosse *portador* da dificuldade.

As respostas se reportam aos problemas de aprendizagem e não as dificuldades. Todavia, é importante destacar que os professores necessitam de apoio especializado para compreender e auxiliar na detecção delas no ambiente escolar, sendo o Pedagogo da Equipe de Apoio à Aprendizagem um profissional que pode fornecer auxílio e discutir estratégias de ensino.

No tocante aos serviços de apoio para auxiliar na superação das dificuldades dos alunos, os professores mencionaram que é importante um conjunto de profissionais tais como: Pedagogo da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem, Coordenador Pedagógico, Supervisor Pedagógico e Equipe gestora.

Sobre a atuação do professor frente às Dificuldades de Aprendizagem constatamos que os docentes afirmam que a sua atuação está centrada na superação das dificuldades buscando ajuda através de uma rede de apoio

visando sua superação, seja relacionada ao ambiente da escola ou para-escolares, como o da família.

O papel do professor estende-se ao do ensino sistematizado. Deste modo, vale salientar que deve proporcionar um ambiente que favoreça a aquisição de conhecimentos, além de ser capaz de localizar possíveis dificuldades na aprendizagem de seus alunos. Este profissional pode detectar o potencial do aluno, explorando-o ao máximo, a fim de atender a suas necessidades e respeitar suas limitações. Desta forma, o professor exerce uma de suas funções primordiais, a de formação integral do ser humano (Silva, 1997).

Por fim, a realização de uma intervenção, a aplicação de atividades com jogos, brincadeiras e exercícios voltados para a dificuldade específica e a motivação do aluno com materiais pedagógicos são formas gerais de o professor tentar explorar o potencial em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco deste trabalho se consistiu na análise das concepções de professores do 4^a ano do Ensino Fundamental sobre as Dificuldades de Aprendizagem. Foram apresentadas suas concepções, experiências e os problemas que enfrentam ao lidar com este complexo tema em virtude dos múltiplos fatores que o envolvem.

Com intuito de oferecer um embasamento teórico sobre este assunto, foram enfatizadas algumas teorias, como a de Piaget (1971) e Vygotsky (1994), duas correntes consideradas importantes no estudo da aprendizagem. Ambas valorizam a interação sujeito e objeto, mostrando que o ambiente em que vivemos é importante para se realizar a troca de conhecimentos. Este ambiente envolve vários elementos como a família e a escola, descritos neste trabalho como instituições que podem auxiliar na prevenção e superação das Dificuldades de Aprendizagem.

Os resultados evidenciaram que os professores demonstram diferentes concepções sobre o que seria o termo Dificuldades de Aprendizagem, bem como relatam dificuldades presentes no seu cotidiano de prática escolar. Os professores ainda relatam que as dificuldades mais frequentes estão

ligadas à leitura, à escrita e à matemática. No entanto, é importante ressaltar que fatores como falta de pré-requisitos e motivação foram indicados como sendo um tipo de dificuldade, mas que na verdade são consequências de uma inadequada didática demonstrando falta de conhecimento destes professores sobre o tema.

Em relação à atuação dos professores destacou-se que o apoio de profissionais como o Pedagogo da Equipe Especializada, a intervenção individualizada, as atividades específicas e a interação professor-aluno são recursos que provocam melhora no processo de aprendizagem dos alunos com dificuldades. São atuações centradas na superação e podem ser compreendidas a partir da visão de que o ser humano é constituído nas relações sociais.

O papel do professor é de superar o ensino mecânico e pouco significativo. Deve também, proporcionar um ambiente que favoreça a aquisição de conhecimento e explore as potencialidades do aluno a partir das concepções pedagógicas como a abordagem interacionista propõe – a mediação como base para a construção do conhecimento. Para que esse papel do professor se configure é necessário o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora e promotora da autonomia do aprendiz.

Os professores pesquisados também consideraram o apoio não apenas de instituições como a família e a escola, mas, de orientação a partir de especialistas como pedagogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos, etc. para ajudar na realização de intervenções que auxiliem os alunos a superarem suas dificuldades. No entanto, é preciso analisar as situações com certa parcimônia tendo em vista que, por vezes, pode se refletir na patologização do ensino (relacionar as dificuldades a uma doença que poderá ser tratada).

Para tanto, a escola e a rede de ensino local devem oferecer cursos de formação específicos nas diversas áreas da educação que estudem as Dificuldades de Aprendizagem. A pesquisa nos apresentou concepções equivocadas de professores sobre este tema dificultando sua prática pedagógica e a sua relação com estes alunos. Enfim, é nesse contexto que os conhecimentos de especialização se fazem necessários tendo em vista que é tarefa central do professor identificar as dificuldades de aprendizagem e encaminhar os alunos para um atendimento mais específico com o pedagogo ou equipe psicopedagógica. É importante também que o Pedagogo promova parcerias entre a escola e a família oferecendo

conhecimento do assunto aos pais, como por exemplo, palestras sobre as Dificuldades de Aprendizagem apresentando os principais conceitos e enfatizando que essas dificuldades não são intrínsecas ao aluno e que uma intervenção pedagógica adequada poderá reverter o processo. Desta forma, uma ação de trabalho conjunta, envolvendo o professor, o Pedagogo e a família, trará ao aluno a sensação de que será possível superar os obstáculos do seu processo, apoiado por profissionais que acreditam no seu potencial de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- Bartholomeu, D., Sisto, F., & Rueda, F. J. M. (2006). Dificuldades de Aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. *Revista Psicologia em Estudo, Maringá, 11(1)*, 139-146.
- Fino, C. N. (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): Três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação, 14*, 273-291.
- Gil, A. C. (1984). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Grigorenko, E. L., & Sternberg, R. J. (2003). *Crianças rotuladas: O que é necessário saber sobre as dificuldades de aprendizagem* (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jardim, W. R. S. (2001). *Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental*. São Paulo: Loyola.
- Mello, S. A. (2004). A escola de Vygotsky. In K. Carrara (Org.), *Introdução à psicologia da educação: Seis abordagens*. São Paulo: Avercamp.
- Piaget, J. (1971). *A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação* (Trad. Alvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar.
- Pulaski, M. A. S. (1983). *Compreendendo Piaget: Uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança* (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Silva, M. C. (1997). *Aprendizagens e problemas*. São Paulo: Ícone.
- Stefanini, M. C. B., & Cruz, S. A. B. (2006). Dificuldades de aprendizagem e suas causas: O olhar do professor de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. *Revista Educação (Porto Alegre), V. 29, n.1*, p. 81-105.
- Trissoto, R. M. A. (2002). *Dificuldades de Aprendizagem: Apontamentos para uma discussão*. 6ª Jornada de Educação Especial. Dificuldades de Aprendizagem (Seminário).

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Turner, J. (1976). *Desenvolvimento cognitivo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Vygotsky, L. S. (1994). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (M. COLE, Organizador, Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira, & Solange Castro). São Paulo: Martins Fontes.